

As alternativas que vêm sendo sugeridas — inclusive pelo Brasil, em sua atual negociação com os banqueiros privados — contam com o apoio do Diretor Executivo do FMI. Camdessus é a favor da transformação de parte da dívida em investimentos no país devedor, da troca de outra parte por títulos e disse que tinha duas observações a respeito:

— Para mim há duas condições essenciais na aplicação dessa estratégia. Primeiro, que a utilização desses instrumentos seja decidida por um acordo mútuo entre credores e devedores: que nenhum dos dois trate de impor ao outro as suas soluções. Em segundo lugar, que tais soluções tenham sempre como base o mercado — disse Camdessus.

O Diretor Executivo do FMI afirmou, ainda, que não se pode adotar essas saídas de maneira muito ampla:

— Elas são boas mas para serem aplicadas a países específicos. Deve-se adotar o enfoque caso por caso. E há um dado essencial a considerar: as decisões devem ser tomadas rapidamente, para que os pequenos países não tenham de esperar mais do que os outros.

Pouco depois, Camdessus ampliou seu conceito, chamando a atenção dos responsáveis pela adoção de políticas econômicas para um ponto que ele considera vital:

— Nós, do Fundo Monetário Internacional, temos interesse nos vários instrumentos que vêm sendo propostos para a solução da dívida. Mas é preciso ficar claro que a sua adoção supõe que parte dessa dívida se transforme em investimentos no país devedor. E que isso, ao mesmo tempo, supõe que esses países abram suas portas aos investimentos estrangeiros privados — disse ele.

Camdessus avaliou o papel do próprio FMI diante da nova conjuntura.

— Nós precisamos fazer mais e precisamos fazê-lo melhor — disse.

Milliet: bônus têm boas perspectivas

BETH CATALDO
Enviada Especial

WASHINGTON

— O Governo brasileiro reconhece que sua proposta de transformar parte da dívida externa em bônus não será assimilada rapidamente pelos bancos credores, mas considera prematuro prever a reação deles a essa opção, já que ainda não foram definidas as características desses títulos. Essa opinião é do Presidente do Banco Central, Fernando Milliet, que insistiu na validade da proposta e nas perspectivas promissoras para sua adoção.

— Não tem importância se uma primeira emissão de bônus não provocar filas nas portas — afirmou Milliet.

Ele acredita que a primeira emissão de bônus pelo Governo deverá servir para consolidar essa alternativa. Segundo ele, será preciso primeiro esperar que

esses títulos existam de fato, para adquirirem conceito e credibilidade junto aos investidores e credores.

Depois, afirma Milliet, será mais fácil para uma segunda emissão obter uma procura maior no mercado. As emissões serão precedidas, ainda, informou, de uma avaliação cuidadosa das condições de mercado para que a proposta brasileira seja "a mais profissional possível".

Na primeira reunião do grupo de trabalho encarregado de analisar tanto a securitização da dívida (emissão dos bônus) como a conversão de créditos em investimentos, com a participação de técnicos brasileiros e dos bancos credores, não foi possível avançar na definição das características dos bônus.

